

Sobrevivendo de restos

Bruna Gomes do ANJOS
Cinthia Pereira PASCHOAL¹

Sobrevivendo de restos
Do que era resto
Fez-se o necessário.
A sombra das sobras
Da soberba do desperdício,
Fez-se vida do que era lixo
Fez-se o contrário.
(Tânia Urbano)

O livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, escrito na década de 50, retrata o seu cotidiano como catadora de lixo e também o dos moradores da favela do Canindé. Como o próprio título sugere, relata um mundo que está jogado às margens e que precisa ser escondido do centro do capital e do consumo. Como a própria autora afirma: “A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram o que tem o quarto de despejo”. (p.)

Para sustentar a idéia da década de 50, como sendo um período de progresso e intensas transformações que mudariam o rumo do país, era necessário que, de certa forma, se ignorasse, ou ao menos, tentasse esconder aquilo que contrastava com o ideário de modernização.

De um modo geral, reina um clima de euforia. No cenário mundial do pós guerra vive-se a vitória da democracia. Entre nós comemora-se o fim da ditadura Estadonovista. Busca-se recuperar o tempo perdido. Não é à toa que slogan consagrado pelo

¹ Graduandas em Ciências Sociais na FFC/UNESP, membros do Grupo de estudos Trabalho e Capital na Cidade (TRACCI), participaram do Grupo de Literatura e Cinema no Seminários de estudos “um olhar sociológico sobre *Quarto de despejo*”.

governo JK propõe “50 anos em cinco”. Nessa corrida contra o tempo, a grande meta a ser atingida é o desenvolvimento econômico. O resto viria como consequência... Crescer para depois dividir, esta era a questão. (Veloso, 2002, p. 172)

De fato, os anos 50 representaram para o imaginário nacional um tempo de euforia. As propostas de JK prometiam um desenvolvimento rápido e intenso e esta efervescência tanto política como cultural passaria para a história como os “anos dourados”. Esses “anos dourados”, no entanto, ocultam as disparidades sociais que se intensificaram no espaço-urbano. O processo de industrialização acentuou o êxodo rural, os centros urbanos não conseguiram absorver o grande contingente de migrantes, e a política desenvolvimentista acentuou ainda mais a desigualdade social brasileira. A incapacidade de absorção desses indivíduos no trabalho formal fez com que se adotasse como meio de sobrevivência formas precárias de trabalho.

Marginalizada, Carolina encontra sua sobrevivência no lixo, ou na manipulação daquilo que é descartado, dos restos daqueles que estão incluídos. Carolina prova sua existência, como ela mesma diz: “cato papel, estou provando como vivo”. (Jesus, Carolina de. p. 17). No entanto, o “catar” não é capaz de suprir suas necessidades básicas e de sua família, como é possível ver no trecho abaixo:

Comecei a queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo o que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado.
Ela disse-me que está com nojo da vida. Ouvi seus lamentos em silêncio. E disse-lhe:
– Nós já estamos predestinados a morrer de fome. (Jesus, Carolina de. p. 126)

O espaço urbano ao mesmo tempo em que opera no sentido de melhora do padrão de vida de alguns, também opera no sentido contrário, acentuando a miséria e a exclusão de outros:

Mas os que não participam das condições consideradas adequadas de qualidade de vida e de justiça social partilham em escala ampliada dos “resíduos” deste processo de urbanização acelerada”. (Rodrigues, A. M. apud Pereira, 2002. p. 32)

Os restos dispensados pela sociedade de consumo d entram na vida de Carolina tanto na busca por vestimentas e gêneros alimentícios como na sua própria “profissão” de catadora de lixo.

Pólita Rodrigues cita que no Brasil desde a Revolução Industrial, a coleta seletiva ocorre informalmente através do trabalho do catador, outrora conhecido como papeleiro, garrafeiro, ou por denominações pejorativas como “burro sem rabo”. Seja em tempos idos ou atuais, o catador sempre esteve presente de forma mais ou menos institucional no processo de gerenciamento de resíduos. (Urbano, 2002, p. 41)

De certa forma Carolina também é tratada como um resto quando é confundida com seu próprio meio de sobrevivência, o lixo. Há momentos em seu diário em que relata esse tratamento que é dado a ela, como sendo algo sujo e repulsivo:

Pensei nas palavras da mulher de Policarpo que disse que quando passa perto de mim eu estou fedendo a bacalhau. Disse-lhe que eu trabalho muito, que havia carregado mais de 100 quilos de papel. E estava fazendo calor. E o corpo humano não presta. Quem trabalha como eu tem que feder! (Jesus, Carolina de. p. 119)

Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison, quando eu cheguei ele começou a insultar-me:
– Negra suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira. (Jesus, Carolina de. p. 88)

A necessidade de se alimentar e alimentar seus filhos, faz com que Carolina suporte essas agressões cotidianas. A debilidade física que seu trabalho acarreta permeia quase todo o diário: “Passei o dia catando papel. A noite os meus pés doíam tanto que eu não podia andar” (Jesus, Carolina de. p. 25). Ou ainda, “Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins”. (Jesus, Carolina de. p. 37) E o desgaste mental de ter que conviver com uma dependência diária desta disponibilidade de materiais recicláveis nas ruas e ainda de contar com as boas condições do tempo, visto que chover significa não sair às ruas para “catar” e conseqüentemente não comer:

Eu estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. (Jesus, Carolina de. p. 37)

A vida desgastante levada por Carolina não desanima sua busca por uma realidade diferente para ela e para seus filhos.

... Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que eu estou sonhando (Jesus, Carolina de. p. 26)

Acreditar que tanta dificuldade não passa de um sonho, talvez essa seja a forma que Carolina tenha encontrado para suportar o trabalho pesado, repetitivo e que não supre as suas necessidades básicas e nem a de seus filhos.

Assim como hoje é comum que as populações pobres vejam como forma de ascensão as profissões que a mídia enfeita como geradoras de fama e riqueza possíveis a todas as classes, na década de 50 já se vendia a possibilidade de ascensão social através do sucesso orquestrado pela indústria cultural:

Através dos programas de auditório e dos fãs-clubes, as camadas populares buscam, mesmo que no plano simbólico, seus canais de participação. O mito da mobilidade social e da felicidade oferecido pelos seus ídolos causa forte impacto nos fãs. (Veloso, 2002, p. 173)

E é em meio a esse clima de euforia e ilusão que Carolina vê no sucesso como “artista” uma possibilidade de mudar de vida:

...Eu mandei o João levar um bilhete no circo Irmãos Mello pedindo se aceitava-me para cantar” (Jesus, p. 47)

É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo, viso com esse dinheiro comprar um terreno para sair da favela (Jesus, Carolina. p. 25)

Contudo, a escrita na vida de Carolina é mais do que mera via de ascensão social, é acima de tudo uma fuga, a representação de uma pausa, de um desligamento do estigma de favelada e catadora de lixo:

Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na cor do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as

flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (Jesus, Carolina. P. 52)

Carolina Maria de Jesus experimentou a ascensão social através da literatura, conseguindo publicar seu livro, porém de forma efêmera, retornando ao mundo que ela mesmo retratou, um mundo que não desfruta dos benefícios da modernidade, excluído dos processos de desenvolvimento, mas como a própria Carolina diz: “nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo”. (Jesus, Carolina. p. 128)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

JESUS, Carolina Maria de – Quarto de despejo – Diário de uma favelada. Ed. Ática, São Paulo. 1999.

PEREIRA, Tânia Urbano. A miséria e a opulência do lixo, trabalho de conclusão de curso apresentado à FFC/Marília, mimeo, 2002.

VELOSO, M. – A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In. O Brasil de JK (org. Ângela de Castro Gomes). 2002. Ed. FGV.